



PENSAMENTO ESPACIAL: DA PERCEÇÃO DO COTIDIANO AOS BAMBOLÊS

Priscila Silva Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: prisouza9992@gmail.com

Lucia Prado Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB(Brasil)

Endereço eletrônico: lueciabarbosa@gmail.com

Adriana David Ferreira Gusmão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: adrianadavid@uesb.edu.br

2462

INTRODUÇÃO

O pensamento espacial é uma habilidade que deve ser desenvolvida desde os primeiros anos escolares, trabalhar o espaço geográfico e suas representações é uma forma de desenvolver essa habilidade, mas os professores têm trabalhado as matérias, principalmente a geografia de forma tradicional, fragmentada, sem levar em consideração o cotidiano dos alunos e o estudo dos espaços que o cercam como sua casa, seu bairro e sua própria escola. Este trabalho de cunho teórico-prático tem como objetivo destacar a importância de desenvolver o pensamento espacial, trabalhando não somente a teoria, mas também a prática utilizando os espaços geográficos conhecidos pelos estudantes, instigando-os a observar estes espaços.

Por esse motivo surgiu o interesse de elaborar um trabalho que dialogasse sobre a importância da leitura do mundo, do espaço geográfico e do pensamento espacial nos anos iniciais do ensino fundamental e de que forma pode ser desenvolvido por meio do ensino da geografia. Através de leituras realizadas de autoras como Helena Callai (2005) e Carmen Perez (2005), percebe-se que esse movimento de compreensão é de extrema relevância para todos, que vivem em sociedade, podendo através dela exercer sua cidadania compreendendo as marcas históricas deixadas pelos homens e suas mudanças. (CALLAI, 2005, p. 228)

Ensinar os alunos a pensar, raciocinar geograficamente é um grande desafio, esse é um ensinamento que contribui para sua formação social e humana pois, saber se



localizar, compreender as condições e conexões de um determinado espaço, levando em consideração o tempo e as relações que são estabelecidas, nos levando a pensar além de onde, mas também refletir sobre o quê e o porquê. Por meio da geografia podemos refletir sobre o homem, a natureza, cultura e sociedade, como as ações do homem impactam na sociedade e quais as consequências dessas ações na natureza, não existe um acontecimento histórico e social sem um espaço e tempo atrelado a ele, por isso é muito importante a formação desses conceitos desde os primeiros anos escolares. (CESTARI; JULIASZ, 2018)

2463

Tendo em vista a necessidade de estimular nos alunos a compreensão do espaço geográfico e o pensamento espacial, este trabalho traz a discussão sobre o ensino da geografia para além dos métodos tradicionais, utilizando de aporte teórico-prático para o desenvolvimento das discussões. Um trabalho de observação e regência em sala de aula foi realizado durante o programa de residência pedagógica - subprojeto de alfabetização, em uma escola da rede pública da zona urbana de Vitória da Conquista - BA com uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, com alunos em processo de alfabetização. Foram desenvolvidas atividades baseadas na necessidade de estimular o pensamento espacial dos alunos, de forma lúdica e dinâmica, se distanciando da rotina de aulas teóricas que eles já estavam acostumados a ter. E por meio dos resultados obtidos com esse trabalho pode-se fazer uma breve discussão sobre as práticas do ensino de geografia na sala de aula e como a metodologia adotada e os recursos que são utilizados interferem de forma significativa no processo de aprendizagem dos alunos.

METODOLOGIA

Essa pesquisa possui o caráter teórico-prático, na qual foram desenvolvidas atividades em uma turma de alfabetização, com alunos de 6 e 7 anos de idade. Após observação da turma em questão, foi elaborado um plano de aula intitulado como “meu caminho para a escola”, trabalhando conceitos da alfabetização geográfica e do pensamento espacial. As atividades foram desenvolvidas com o intuito de observar e instigar o pensamento espacial dos alunos, realizando momentos de diálogo, pinturas e também passeio pela escola. Os resultados foram analisados de acordo com a interação, a realização das atividades e o desenvolvimento de cada aluno conforme as atividades propostas, além do mais o aporte teórico foi fundamental para que as análises e a regência fossem tão produtivas.

Realização:



Apoio:





RESULTADOS E DISCUSSÃO

À vista disso e com base na observação que foi feita na escola em questão - que chamaremos aqui de “escola dos bambolês”, é oportuno destacar que o trabalho foi realizado em uma turma com vinte e cinco alunos, no qual é perceptível que a professora da turma utiliza de métodos tradicionais no ensino da geografia, e com isso os alunos não são instigados a pensar espacialmente, uma vez que não há estímulos para que eles conheçam a própria escola e nem o percurso que fazem para chegar até ela.

Nesse sentido, trabalhamos o pensamento espacial com a turma, desenvolvendo atividades que proporcionaram momentos de reflexão e interação com os alunos e o espaço escolar. Antes da realização das atividades, foi feita uma roda de conversa instigando os alunos a contarem um pouco do bairro em que elas moram e sobre o percurso que fazem para chegar até a escola e qual meio de transporte é utilizado, trabalhando não só noções de espaço, mas também de distância.

Após a roda de conversa, os alunos fizeram uma atividade em que a proposta era que eles desenhassem a escola e tudo o que tem em volta de acordo com a memória e a criatividade de cada um. Algumas crianças se mostraram mais resistentes, argumentando que não se lembravam direito ou não sabiam o que desenhar, mas por fim todos desenharam. Logo após foi feito um passeio dentro e fora da escola para que os alunos pudessem observar seu entorno, perceber detalhes que passavam despercebidos ao longo da rotina. Muitas características do ambiente externo da escola os alunos nunca haviam prestado atenção, despertando assim a curiosidade e gerando inúmeras perguntas sobre o “porquê” e “para quê” das coisas.

Uma das situações que mais nos chamou atenção foi o fato de que as crianças notaram que em duas das árvores que ficam no fundo da escola, haviam pendurados nelas bambolês, um cor-de-rosa e outro amarelo. Elas ficaram admiradas com isso, nos perguntando como aqueles bambolês foram parar bem ali naquelas árvores, a comoção pela grande descoberta foi coletiva e logo todos estavam apenas prestando atenção na grande árvore com o bambolê amarelo e seu mistério de como aquilo aconteceu. E ao vermos toda essa euforia e entusiasmo das crianças com este simples acontecimento, percebemos o quanto a rotina deixa elas alheias a tudo a sua volta, mesmo brincando e passando por ali todos os dias, elas não prestaram atenção nos detalhes que de certa

2464



forma íntegra o seu cotidiano. De certa forma os alunos estão na escola mas não a percebem, não é trabalhado ao longo do seu dia-a-dia a leitura de mundo através da leitura do espaço, assim como afirma Perez (2005).

Voltando para sala de aula, disponibilizamos materiais diversificados, como por exemplo massinha de modelar e giz de cera, para que pudessem fazer outro desenho da escola, poucos foram os alunos que dessa vez apresentaram espelhos para produzir, todos expressaram sua criatividade e apresentaram desenhos de várias partes da escola que viram com mais atenção, mas a parte que mais apareceu nas atividades foi as árvores com seus bambolês pendurados, cada um se expressando de maneira particular e usando de muita criatividade.

E nesse ponto podemos perceber como o passeio realizado com os alunos pelos arredores da escola, a possibilidade de permitir que observassem tudo de forma direcionada mas ao mesmo tempo livres, permitiu que ampliassem sua percepção, trabalhando assim o pensamento espacial e a capacidade de representação do espaço vivido. Fica claro ao observar a diferença entre os primeiros desenhos feitos no início da aula e os desenhos feitos após todo o passeio e conversas fora da sala de aula. E ainda sobre a representação do espaço Callai (2005) afirma que “A capacidade de representação do espaço vivido, se esta for desenvolvida assentada na realidade concreta da criança, pode contribuir em muito para que ela seja alfabetizada para saber ler o mundo.”

CONCLUSÃO

Portanto, a geografia tem um papel fundamental para formação escolar, humana, social dos sujeitos, é essencial que os estudantes trabalhem e desenvolvam o pensamento espacial e geográfico desde a primeira infância. Muitos professores ainda trabalham a geografia de forma tradicional, fazendo que os alunos decorem conteúdos de forma fragmentada, mas sem entender qual realmente é o objeto de estudo da matéria e como relacionar os conteúdos com a nossa vida diária. Diante disso, se tratando dos anos iniciais, no qual é uma fase de muitas descobertas na vida de uma criança, é de suma importância que o professor instigue o olhar crítico e observador em seus alunos trabalhando o pensamento espacial e alfabetização geográfica, desenvolvendo, assim uma leitura do mundo em que as crianças façam parte.

2465



Por meio dos conhecimentos adquiridos na matéria de geografia podemos compreender a sociedade em que vivemos, nos tornamos seres críticos que são capazes de intervir nessa sociedade, entendemos que nossas atitudes geram um impacto não somente social, mas na natureza e nos espaços que nos cercam.

PALAVRAS CHAVE: Pensamento espacial. Espaços geográficos. Alfabetização geográfica.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo:** a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1jZZLapqE8Lgth2EeRINSJxx504k4ZyoA/view>

CESTARI, Aline D'Acosta; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. **Educação geográfica e o espaço urbano:** um estudo do lugar por meio de sequência didática. Formação@Docente. Belo Horizonte – V. 10, 2018.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Ler o Espaço para Compreender o Mundo:** algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. Revista Tamoio, Rio de Janeiro, Ano II, N°02, 2005.

2466

Realização:



Apoio:

